EXPLICADOR

Sem vacinar crianças, Portugal não atinge imunidade de grupo. "De facto levanta questões éticas", defende especialista

08 jul, 2021 - 16:00 • Joana Gonçalves

A meta da imunidade de grupo aumentou e é preciso agora vacinar cerca de 90% da população para que Portugal consiga controlar a pandemia, adianta Manuel Carmo Gomes. “Vacinar as crianças é uma responsabilidade parental e cívica”, defende o virologista Pedro Simas.

As novas variantes do SARS-CoV-2 alteraram a meta estabelecida da imunidade de grupo e com ela a necessidade de vacinar os mais jovens.

Em entrevista à **Renascença**, Manuel Carmo Gomes, membro da Comissão Técnica de Vacinação da DGS, adianta que **a vacinação contra a Covid-19 em idades pediátricas “tem sido objeto de discussão”**, e não está ainda garantido que arranque em agosto –data apontada pela ministra da Sáude na passada segunda-feira.

O virologista Pedro Simas reforça a segurança e eficácia comprovadas do fármaco e defende que “vacinar as crianças é uma responsabilidade parental e cívica”.

ID: 7175876

No centro da discussão está **uma questão ética que divide cientistas**. A **Renascença** conversou com os dois especialistas para compreender o que está em causa.

É seguro vacinar crianças entre os 12 e 16 anos contra a Covid-19?

Antes de qualquer discussão ética sobre o tema, importa clarificar que há já uma vacina aprovada pela Agência Europeia do Medicamento (EMA, na sigla inglesa), para administração em crianças com mais de 12 anos.

"Entre os 12 e os 18 anos já está aprovada uma vacina que é comprovadamente segura e eficaz: a da Pfizer", confirma o epidemiologista Manuel Carmo Gomes. "Outras se seguirão. A Moderna já terminou ensaios em jovens entre os 12 e os 18 anos e a AstraZeneca está também a trabalhar nisso. Quase todas as farmacêuticas mais avançadas já estão a fazer ensaios em crianças, até já abaixo dos 12 anos", acrescenta.

Também o virologista Pedro Simas partilha a confiança na segurança e eficácia do fármaco. "Do ponto de vista da virologia, patogénese e ciência, **não há inconveniente nenhum, em termos de saúde, de vacinar uma criança contra a Covid-19.** As vacinas são extremamente seguras".

As variantes que esticaram a meta da imunidade de grupo

70% de portugueses imunizados já não são suficientes para interromper totalmente a circulação do SARS-CoV-2 em Portugal. **A célebre meta da imunidade de grupo esticou e está agora perto dos 85%,** adianta Manuel Carmo Gomes.

De acordo com o especialista, as variantes Alpha e Delta, com origem no Reino Unido e na Índia, respetivamente, são as reponsáveis pela "subida do valor percentual da população que tem de ser vacinada para atingirmos a imunidade de grupo".

O R0, isto é, o número de novos casos gerados a partir de um único confirmado, está na base deste cálculo, como explica à **Renascença** o epidemiologista. "Diariamente ouvimos falar no Rt, que corresponde ao R0 quando a população adota medidas de proteção e já tem algum grau de imunização. O R0 é o Rt do vírus quando chegou a Portugal, numa altura em que tínhamos a guarda em baixo", esclarece.

O R0 inicialmente estimado em Portugal fixava-se entre 2,1 e 2,5. Com base nesse valor, os especialistas chegaram aos 70% de imunização necessária para controlar a circulação do vírus. É aqui que entram as novas variantes, mais contagiosas e, por isso, com um R0 mais alto.

"Quando nós fizemos as contas, chegámos à conclusão de que, neste momento, **o R0 deste vírus que está cá seria de qualquer coisa entre 5 e 6, ou seja, já está no dobro",** conta Carmo Gomes. Depois de recalculada a imunidade de grupo com base no novo R0, "obtivemos valores que estão na ordem dos 85% de pessoas que teriam de estar

ID: 7175876

inteiramente imunizadas contra qualquer tipo de infeção, mesmo que não causasse doença".

Como a vacina não é 100% eficaz, para atingirmos 85% de pessoas totalmente protegidas, **teremos que vacinar, pelo menos, 90% da população.** É por este motivo que se coloca agora a questão da vacinação abaixo dos 18 anos. "Se nós ambicionamos interromper totalmente a circulação do vírus, é isso que é a imunidade de grupo, **temos de equacionar a possibilidade de vacinar as crianças, senão não vamos lá",** afirma o professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

"O interesse que existe em proteger a população como um todo da circulação do vírus e tentar eliminá-lo exige a vacinação das crianças", defende.

Vacinar para proteger as crianças ou a comunidade?

A vacinação contra a Covid-19 em idades pediátricas "tem sido objeto de discussão" na comunidade científica. **Segundo Carmo Gomes, o tema "levanta questões éticas".**

Em causa está o facto de a vacinação contra o SARS-CoV-2 em jovens entre os 12 e 18 anos ser possivelmente mais benéfica para a sociedade do que para a criança que recebe o fármaco.

"Normalmente, quando administramos um medicamento ou um tratamento a uma pessoa estamos a pensar no seu interesse. Ou é para curar a pessoa ou é para protegê-la individualmente de qualquer coisa que pode ser perigosa para ela", começa por explicar o especialista, que integra a Comissão Técnica de Vacinação da DGS. "É isso, por exemplo, que acontece nas vacinas da infância, porque estamos a administrar vacinas contra doenças que se a criança contrair são de facto bastante perigosas para ela – como uma poliomielite, uma hepatite, uma meningite".

Neste caso, não é bem assim, diz. "Nós estamos a administrar vacinas a pessoas que, embora não tenham risco zero, têm risco muito diminuto de contrair infeção. Isso é o que está num dos lados da balança. **Seria estar a administrar um medicamento que não é claro que seja do interesse individual da pessoa.** Do outro lado da balança temos o bem comum, o interesse coletivo, o bem maior".

Já para Pedro Simas, a resposta é clara. "Não sou especialista em ética, mas há uma coisa que eu sei, que é o bem comum. Não é por serem jovens ou deixarem de ser jovens, a prioridade é a meta de vacinação", diz. **"Vacinar as crianças é uma responsabilidade parental e cívica"**, afirma.

O virologista adianta, contudo, que "se conseguíssemos vacinar 100% da população acima dos 40 anos, teríamos 70% da população vacinada e não precisaríamos de ir muito mais abaixo dessa faixa etária".

ID: 7175876

As novas variantes e a resistência de alguns portugueses em aderir à vacinação pesam nestas contas.

Lotarias, vouchers e subsídios. Recompensar os jovens pela vacinação é uma boa estratégia?

Para contrariar a baixa adesão das gerações mais jovens à vacinação, alguns países adotaram soluções criativas. Na Grécia, o Governo vai oferecer aos jovens vacinados um cartão pré-pago no valor de 150 euros, que podem ser gastos em viagens, alojamento, cinemas, teatros e museus.

No Chipre, os mais novos vão receber um subsídio para as férias de verão depois de vacinados. E o estado norte-americano do Ohio adotou um sistema de lotaria entre os residentes que passem pelo centro de vacinação. Serão oferecidos um milhão de dólares a cinco pessoas vacinadas.

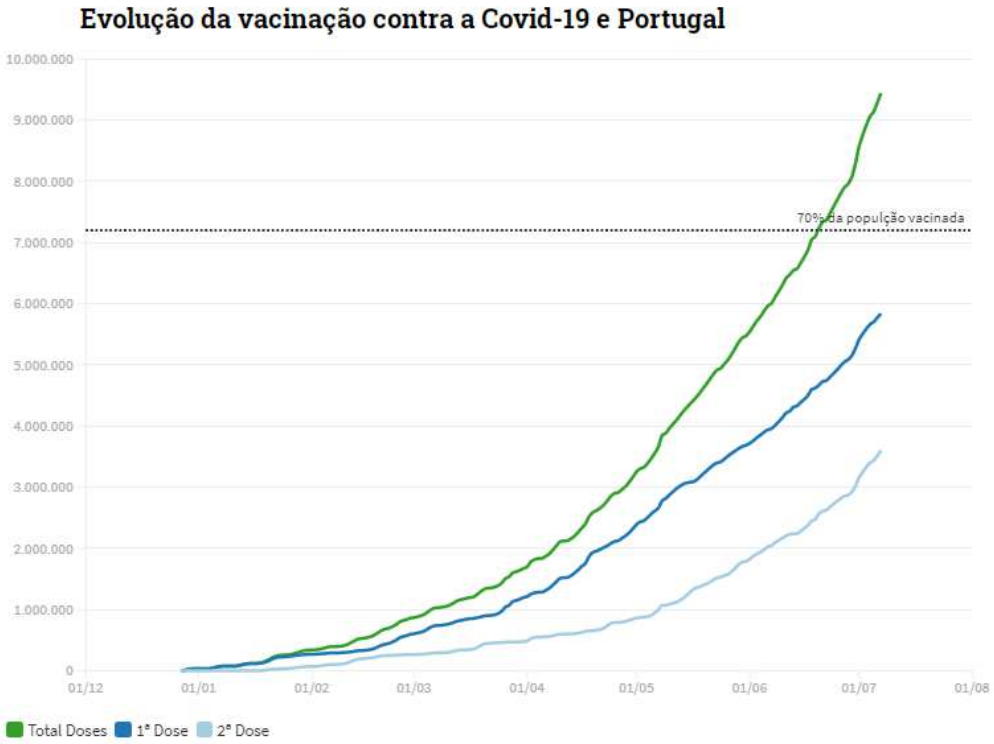
Por cá, não estão planeadas estratégias semelhantes e campanhas. Na opinião de Carmo Gomes, campanhas de incentivo deste género "abrem um precedente que, se for levado nas suas consequência, pode culminar em discussões sobre o que vamos dar ao jovens para não consumirem álcool em excesso ou aos fumadores para deixarem de fumar".

"Sou absolutamente contra. Mesmo nos EUA **não existe evidência de que isso tenha diminuído a hesitação vacinal.** Um estudo publicado há cerca de uma semana comparou o efeito de uma lotaria introduzida no estado do Ohio e não encontraram mudanças estatisticamente significativas na adesão da vacinação por parte dos jovens, comparativamente com outros estados", explica.

Apesar de não haver ainda garantias de que Portugal consiga obter a imunidade grupo, o especialista acredita que também é cedo para "dizer que não conseguimos. Ninguém tem ainda a certeza sobre isso".

"Os melhores dados que temos até agora sugerem que **com 90% a 95% das pessoas vacinadas,** que é uma coisa que está ao alcance de Portugal – nem todos os países conseguem isso, mas Portugal consegue se nos empenharmos – **ainda está no horizonte a possibilidade de imunidade de grupo e, portanto, interromper a circulação do vírus no país".**

ID: 7175876


Evolução da vacinação contra a Covid-19 e Portugal
10.000.000
9.000.000
8.000.000
7.000.000
6.000.000
5.000.000
4.000.000
3.000.000
2.000.000
1.000.000
0
70% da populção vacinada
01/12
01/01
01/02
01/03
01/04
01/05
01/06
01/07
01/08
Total Doses
1ª Dose
2ª Dose

ID: 7175876